

**Da pandemia ao pandemônio:
disputas discursivas em torno da cloroquina**

*From the pandemic to the pandemonium:
discursive disputes around Chloroquine*

Clara Bezerril CÂMARA¹
Diego Granja do AMARAL²

Resumo

“Quem é de direita, toma cloroquina. Quem é de esquerda, toma... Tubaína”, afirmou o presidente Jair Bolsonaro, em maio de 2020. Partimos desse enunciado para refletir sobre as disputas pela hegemonia informacional e discursiva em relação ao exercício do poder. Para tal, primeiramente, fazemos uma associação entre o enunciado sobre a cloroquina e as manifestações culturais reconhecidas como meme; na sequência, apontamos os conceitos e reflexões trazidos por Foucault (1979; 2009) que podem nos auxiliar a compreender o lugar das disputas discursivas acerca do uso da cloroquina. Por fim, apresentamos um mapeamento dos discursos em torno do episódio, em postagens na plataforma social Facebook, entre abril e julho de 2020, feito com o auxílio do software *CrowdTangle*.

Palavras-chave: Discurso. Verdade. Desinformação. Poder. Meme.

Abstract

“Those who are on the right take chloroquine. Whoever is on the left, [takes] tubaína”, declared the President Jair Bolsonaro, in May 2020. Unfolding this statement, we reflect on the disputes over informational and discursive hegemony in regard to the exercise of power. To that end, the paper builds upon an association between the statement about chloroquine and the cultural manifestations recognized as meme; Subsequently, we point out Foucauldian (1979; 2009) concepts and reflections to better understand the discursive disputes on the usage of chloroquine as COVID-19 medication. Finally, we present a mapping of speeches about the episode, in posts on Facebook's social platform, between April and July 2020, with the aid of the software *CrowdTangle*.

Keywords: Discourse. Truth. Misinformation. Power. Meme.

¹ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFF. E-mail: clarabcamara@gmail.com

² Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFF. Professor na UNINASSAU/PE. E-mail: diegoamaral000@gmail.com

Introdução

No dia 19 de maio de 2020, em entrevista para o Instagram do Blog do Magno³, o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) anunciou que o novo protocolo sobre o uso da Hidroxicloroquina para o tratamento do novo coronavírus (Covid-19) seria assinado no dia seguinte, pelo então Ministro interino da Saúde, o general Eduardo Pazuello. De acordo com o novo protocolo, a cloroquina poderia ser utilizada no estágio inicial de contágio do novo coronavírus. À época, o medicamento estava limitado para uso em pacientes com o quadro grave da doença, e o seu alargamento para a fase inicial foi transmitido em tom de satisfação pelo presidente.

Na *live* em que o anúncio foi feito, Bolsonaro apontou a possibilidade de a cloroquina passar a ser prescrita para pacientes com sintomas leves de Covid-19 como sendo uma articulação própria da democracia. Na fala, o presidente realizou uma ilustração emblemática de sua leitura peculiar de democracia, relacionando a noção com a ideia de liberalismo radical que costuma ditar o tom de suas falas. Isso fica exposto em um dos trechos em que Bolsonaro indaga, retoricamente: “o que é a democracia? Você não quer? Você não faz. Você não é obrigado a tomar cloroquina”. Ainda, o presidente arremata a fala com outro traço característico de sua “retórica do ódio” (2021, p.33), a polarização: “Quem é de direita, toma cloroquina. Quem é de esquerda, toma... Tubaína”. É, pois, com essa declaração em mente que partimos para nossa abordagem sobre a estratégia Bolsonarista acerca da cloroquina.

Está explicitado o enunciado memético que vai conduzir as considerações e análises que faremos neste artigo. Imagens, frases e personagens foram postos em disputa no entorno dessa declaração, constituindo uma rede marcada por jogos de verdade. Não por acaso, tudo isso ocorreu em um contexto de pandemia mundial que colocou um desafio para o discurso científico: manter-se hegemônico.

A partir do já citado enunciado, nas redes sociais, iniciou-se uma série de tensões entre apoiadores e não-apoiadores do governo de Jair Bolsonaro, que se apropriaram da redução irônica feita pelo presidente e passaram a disputar a hegemonia informacional e discursiva em relação ao exercício do poder. A essas disputas, gostaríamos de entrelaçar os debates a respeito da verdade e do poder, conforme Foucault (1979; 2009). É, então,

³ Entrevista completa disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NGn2GaS-DYY>>. Acesso em: 20 jan. 2021.

nessa discussão a respeito da relação entre verdade e poder que reconhecemos o principal objetivo deste trabalho.

Para tanto, observamos discussões travadas nas mídias sociais digitais, especificamente no Facebook, a respeito do uso da Hidroxicloroquina para o tratamento precoce contra o novo coronavírus. E, ao observar essas discussões, questionamos: 1) quais são os elementos dos jogos de verdade que estão presentes na tensão do enunciado/provocação memético “cloroquina *versus* Tubaína”?; 2) é possível estabelecer uma equiparação entre as forças que se colocaram como opostas e a favor do governo, pró ou anti-ciência, a partir desse episódio?; 3) o que a performance de Bolsonaro – e de seus aliados – em torno da cloroquina revela sobre seu exercício do poder?; 4) quais artifícios foram mobilizados pelo presidente para introduzir e atribuir legitimidade ao medicamento no debate público?

Para pavimentar essas discussões, primeiramente, fazemos uma associação entre o enunciado sobre a cloroquina e as manifestações culturais reconhecidas como meme; na sequência, apontamos os conceitos e reflexões trazidos por Foucault (1979; 2009) que podem nos auxiliar a compreender o lugar das disputas entre os que se colocaram contra e a favor do uso da cloroquina; por fim, apresentamos um mapeamento dos discursos em torno do episódio em postagens no Facebook, feito com o auxílio do software *CrowdTangle*.

Isto não é uma frase: os memes e seus discursos

Os memes estão por toda parte. Eles podem estar em uma imagem exaustivamente replicada, em um trecho de uma música estrategicamente modificada, em uma frase dita de modo aparentemente desatento. Em qualquer uma dessas situações, há um componente cultural que é apreendido, ressignificado e compartilhado para demarcar uma postura, uma posição, uma opinião.

Não à toa, ao tratar das unidades de informação cultural que são trocadas entre os indivíduos – e também entre gerações –, Dawkins (1976) usou a analogia do gene, que é replicado, transmitido, para explicar o que entendia por meme. Da discussão proposta por Dawkins, Rushkoff (2010) utiliza exatamente esses preceitos para propor uma compreensão para os memes, pensados em termos de manifestação cultural. O autor destaca a transmissão dessas manifestações culturais, de pessoa para pessoa, e sua

possibilidade de replicação em grande escala como dois elementos essenciais para fazer do meme um meme.

Não são poucos os esforços para entender quais estruturas – formas, conteúdos e posições, como diria Shifman (2013) – são contempladas na manifestação cultural que o meme proporciona. Para Vélez (2012), por exemplo, as estruturas do meme podem vir permeadas por imagens, textos, vídeos ou qualquer outro formato que possibilite a transmissão de ideias, conceitos ou ações. Essas transmissões são entendidas em termo de apropriação e viralidade, pois carregam a ideia elementar de que a estrutura inicial de um meme pode, e deve, ser alterada, ampliando seu alcance e multiplicando as possibilidades de interação.

Em outras palavras, um meme não necessariamente vai ser o mesmo do início de seu estágio de propagação até o “fim” de sua trajetória digital. Como sugere Shifman (2013), no ambiente digital, mesmo que replicar uma unidade de informação seja uma tarefa simples – com as ferramentas para copiar e colar, ou mesmo encaminhar –, há uma forte tendência para criar novas versões de um meme. Ele pode começar com uma imagem e, no decorrer das interações, apropriar-se de vídeos e músicas, ser transmutado para diferentes frases; tudo isso vai fazer com que “carga viral” seja ampliada, não apenas em termos de espaços virtuais, mas também de alcance entre indivíduos.

Pensar em termos de alcance, quando falamos em memes, é um ponto importante. Principalmente porque, ao vislumbrar os meios digitais em que ocorrem as transmissões do meme, esse tem sido um dos grandes termômetros da manifestação cultural memética. E é desse ponto, também, que surge a possibilidade de mapear o engajamento que essas peças são capazes de gerar – o que, quando se volta para o campo político (BOURDIEU, 2012), transforma-se em uma moeda de troca de alto valor.

É nesse sentido que Chagas (2018) argumenta que os memes são fórmulas discursivas que não apenas possuem a capacidade de despertar e demonstrar o engajamento político dos indivíduos, mas também são capazes de integrar esses indivíduos ao debate público. Ou seja, essas fórmulas discursivas, muitas vezes permeadas de humor e ironia, chamam a atenção para o cotidiano político, além de ambientar e demarcar posicionamentos.

Pensemos, então, em todos os elementos que nos ajudam a entender o meme e que apresentamos até aqui: transmissão, apropriação e engajamento. Retomemos, também, a frase proferida por Jair Bolsonaro que nos guia neste artigo: “Quem é de direita, toma

cloroquina. Quem é de esquerda, toma...Tubaína”. A frase que não é uma frase: é um meme. É um enunciado, no sentido propriamente Foucaultiano.

A noção de enunciado, segundo o autor francês, refere-se à instância mínima do discurso (FOUCAULT, [1969] 2008). Em Foucault, um enunciado é uma fórmula de pensamento que se insere em formações discursivas específicas e, finalmente, compõe discursos. Nesse sentido, a fórmula da equivalência massa-energia “ $E = mc^2$ ” é um enunciado próprio da física, logo, oriundo do discurso científico, posteriormente capturado pela cultura pop.

No caso da declaração do chefe de Estado em questão, o enunciado tem como origem o discurso adotado pelo próprio Jair Bolsonaro e de grupos de extrema direita. Trata-se do discurso que, entre outras características, é anti-esquerda, polarizador e radical, e se conforma no que Cezar Rocha (2021) sintetiza na expressão “retórica do ódio”. Nesse sentido, é relevante apontar que a dimensão viral encontra como condição de possibilidade um conjunto de estruturas discursivas e mentalidades já estabelecidas no público e na mídia nacional. Secundariamente, o tom informal, a provocação, a “brincadeira”, enfim, são elementos que favorecem a difusão da mensagem em redes alimentadas por afetos intensos, como é o caso do Facebook (BENKLER et al., 2018).

Transmitida à exaustão, mas não necessariamente em sua forma inicial, essa é a frase que viralizou a ideia de que há “cloroquiners” e “tubaínners”. A frase que virou imagem, que virou outros textos, que engajou e virou disputas por uma verdade que desafiava ora o poder político vigente ora a “política geral de verdade” (FOUCAULT, 1979) – ou seja, os discursos que dada sociedade acolhe e atribui como verdadeiros.

Trata-se portanto, de um enunciado que se apresenta como síntese de um racha político já estabelecido. Simultaneamente, ele próprio, o meme/enunciado, funciona como artifício que viabiliza uma forma de pensar uma questão científica. Em resumo: ao dispor em polos opostos cloroquina e Tubaína, o atual presidente formalizou sua estratégia discursiva em relação à pandemia. É esse marco que tomamos como referência para as reflexões que seguem.

Foucault, entre a verdade e o poder

Ao discutir o exercício do poder, Foucault (1979; 2009) o entrelaça à manifestação de verdade. Aqui, assim como para Foucault, a verdade não diz respeito ao conjunto de

ações ou questões verdadeiras a serem feitas ou descobertas. A verdade se impõe como o conjunto de regras para se determinar o que é esse verdadeiro e o que é esse falso. O conjunto de regras através das quais dada sociedade estabelece efeitos específicos de poder para aquilo que determina como verdadeiro.

Essa verdade – e sua manifestação – é colocada em sentido amplo pelo autor, como um “conjunto de procedimentos possíveis, verbais ou não, pelos quais se atualiza isso que é colocado como verdadeiro por oposição ao falso, ao oculto, ao invisível, ao imprevisível etc.” (2009, p. 12). E, ao fortalecer essa compreensão, Foucault (2009) estabelece: esse conjunto de procedimentos, essa aleturgia, está presente em todo exercício de poder.

Pensando no cenário político, e nas disputas engendradas pela recomendação ou não da cloroquina no âmbito do conhecimento científico, podemos refletir que temos discursos que tentam estabelecer uma hegemonia em torno do governo vigente, que buscam conduzir os indivíduos a condutas específicas. E não apenas isso, mas são discursos que quebram a tentativa de permanecer hegemônico do discurso científico.

De acordo com o filósofo, é possível apontar cinco características importantes para a “economia política da verdade” (FOUCAULT, 1979, p. 13). A primeira delas diz respeito à centralidade da “verdade” na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem. Já a segunda é que há a necessidade de “verdade” na produção econômica e para o exercício do poder político. Ou seja, a “verdade” possui uma importância estratégica para o exercício do poder. A terceira característica é que a “verdade” é intensamente consumida, desde os aparelhos de educação até os de informação. Logo, há uma estrutura que aparelha difusão e consumo da “verdade”. A quarta dá conta que a “verdade” é produzida e transmitida a partir de um controle dominante de alguns dos maiores aparelhos políticos e econômicos, como universidades e meios de comunicação. Novamente destaca-se, aqui, o papel das instituições. E, por fim, a quinta característica do que se chama de “economia política da verdade” é que ela, a “verdade”, é objeto de debate político e de lutas ideológicas. Naturalmente, esta última é uma consequência natural das características anteriores. Ou seja, trata-se de um objeto crucial para as relações de poder.

Não se trata, no entanto, de apontar para falseamentos e possíveis verdades dentro dos discursos sobre a cloroquina. Mas, sim, de verificar como um meme foi capaz de expor o que Foucault (1979) apontou sobre o sentido de verdade: ele é resultado de

coerção e efeitos de poder. Mas, além disso, o meme em questão foi capaz de apresentar uma tensão específica: o discurso científico, o mesmo que se mostra capaz de silenciar outros discursos, é relativizado por um meme, e parece se tornar secundário à medida que outros discursos dominam.

Contudo, é relevante notar que a elaboração de memes, ou seja, de mensagens com elevado potencial de propagação, leva em consideração alguns elementos que os legitimam dentro de determinados grupos. Nesse processo, dois elementos precisam ser tomados em conta. Uma dimensão fundamental reside na dimensão estrutural das plataformas digitais que, sobretudo no caso do Facebook, favorecem a difusão de mensagens radicais (BENKLER et al., 2018). Segundo Benkler e outros, diferentemente do Twitter e da web (aberta), o Facebook é uma plataforma mais propensa à difusão de conteúdos falsos e a “tolices hiperpartidárias (hyperpartisan bullshit) em ambos os lados do espectro político” (2018, p.10). As plataformas, com suas políticas de governança e estruturas algorítmicas pouco transparentes, são um elemento fundamental do aparelho de difusão, circulação e consumo da “verdade”. Igualmente, tornaram-se um campo fundamental para as disputas em torno dessa noção.

Em termos foucaultianos, seria se perguntar: “como poder-se-ia governar os homens sem saber, sem conhecer, sem se informar, sem ter um conhecimento da ordem das coisas e da conduta dos indivíduos?”(FOUCAULT, 2009, p. 9). E a resposta, recairia justamente em reconhecer que isso não é possível. É preciso conhecer o “governo dos vivos” e, em suas demandas atuais, iluminar os caminhos pelos quais a manifestação – ou manifestações – de verdade percorre.

Apontar para a radicalização ou para a partidarização auxilia nesse processo, mas há um passo anterior, acreditamos. Afinal, todas essas dinâmicas buscam expor suas manifestações de verdade e são também coerções que convergem para o exercício de poder. Mas há outras camadas; há o uso de discursos hegemônicos legitimados, como o científico, para respaldar essas manifestações de verdade; há a tentativa de esvaziar a força de instituições que regem a “economia política da verdade” (FOUCAULT, 1979), como as universidades e os meios de comunicação; há fenômenos culturais que atravessam essas demandas, como o meme, e que, embora não seja novo, carrega novos potenciais para refletirmos sobre os pontos citados.

Questões de método: esclarecimentos sobre o mapeamento

Em primeiro plano, destacamos que algumas peculiaridades dos elementos analisados estão ligadas à estrutura da plataforma que observamos, a rede social digital *Facebook*. Entre essas características, destacamos a categoria “temporalidade”. Por se organizar como um *feed* de notícias estruturado sequencialmente (temporalidade linear), o *Facebook* favorece conteúdos recentes. Nesse sentido, ele difere do *Youtube*, que se destaca por suas propriedades arquivísticas, facilitando, portanto, o acesso a conteúdos históricos.

Por esta razão, mapeamos não apenas o que foi dito pelos atores da rede que mencionaram a cloroquina. Levamos em conta, também, quando esses conteúdos foram postados. Essa dimensão é fundamental para revelar um esforço sistemático e eficaz de instrução de uma pauta no debate público na plataforma. Outro ponto relevante é a identidade dos atores no Facebook. Se, no *Youtube*, os principais atores são responsáveis por “canais”, no Facebook, analisamos perfis públicos e grupos. Na primeira instância, reconhecemos posicionamentos “oficiais” de agentes públicos na comunicação, sobretudo, políticos com seus eleitores. Já na segunda, os grupos, percebemos como a rede funciona como uma “caixa de ressonância” para o compartilhamento de mensagens sobre a cloroquina.

Na análise, partimos de dois diferentes conjuntos de dados. Inicialmente, apresentamos gráficos acerca da quantidade de postagens e interações envolvendo o termo “cloroquina” na plataforma do *Facebook*. O uso do termo não-científico do remédio, cloroquina, foi preferido por entendermos que essa é a palavra que corresponde ao uso corrente nos debates políticos em torno do tema. Em seguida, temos uma outra base de dados, constituída ao verificar os grupos públicos, também no *Facebook*.

Os dados analisados dizem respeito ao período entre 19 de abril e 19 de julho de 2020, quando os debates em torno da cloroquina (e, eventualmente, Tubalina) se intensificaram nas plataformas sociais digitais. O período também é marcado por uma transição emblemática no Ministério da Saúde. Em 16 de abril, o médico (e então ministro da Saúde) Luiz Mandetta foi demitido do Ministério que comandava⁴, após longa batalha midiática com o presidente da República.

⁴Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/04/16/mandetta-demissao-ministerio-da-saude-bolsonaro.htm>>. Acesso em: 8 fev. 2021.

No dia seguinte, 17 de abril, o também médico Nelson Teich assumiu o Ministério, cargo que deixaria no dia 15 de maio. No dia seguinte, Eduardo Pazuello, um militar da ativa, assumiu o posto deixado por Teich. No cargo, chamou atenção por declarar obediência militar ao presidente: “um manda, o outro obedece”⁵. Foi apenas dois dias depois, na terça-feira, 20 de abril, que Bolsonaro declarou: “Quem é de direita toma cloroquina. Quem é de esquerda, toma... Tubaína”. Naquele dia, o país havia alcançado o marco negativo de mais de mil mortes por Covid-19 em 24 horas.

Nesse sentido, o período compreendido entre o mês de abril e julho representa um marco na jornada Bolsonarista em defesa da cloroquina como solução para a pandemia. Trata-se, ainda, do período no qual o termo cloroquina teve maior engajamento (ver Gráfico 2) e volume de postagens nas plataformas do *Facebook* (ver Gráfico 1).

Adentrando as especificidades da análise, esclarecemos que a identificação das páginas foi feita a partir de busca pelo termo “cloroquina”, com auxílio do software *CrowdTangle*. Já para a análise do material, buscamos identificar: 1) quais são os principais personagens enunciadores (perfil/grupo, orientação ideológica); 2) quais os principais posicionamentos encontrados (se a favor ou contra o uso da cloroquina, e se expressavam nominalmente apoio ao presidente Jair Bolsonaro).

A fim de classificar os atores dentro dessas categorias, optamos por um critério quantitativo, ou seja, consideramos as métricas representacionais das redes sociais (curtidas, compartilhamentos, comentários). Esse critério permite realizar uma distinção entre personagens “centrais” em termos de difusão das notícias (fraudulentas ou verdadeiras) e opiniões. Nesse sentido, por fim, é relevante pontuar que, no quesito “interações totais”, são computadas reações (Curti, Amei, Haha, Uau, Triste ou Grr), comentários e compartilhamentos.

A análise dos dados: do meme para seus elementos

Na primeira abordagem que fazemos aos dados, é possível perceber os picos de interação relacionados ao termo “cloroquina”. Esses picos de interação estão concentrados entre os dias 15 e 20 de maio - a primeira data, coincidindo com a saída de Nelson Teich do Ministério da Saúde e a exposição de seu posicionamento contrário em

⁵Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/10/22/e-simples-assim-um-manda-e-o-outro-obedece-diz-pazuello-ao-lado-de-bolsonaro.ghtml>>. Acesso em: 8 fev. 2021.

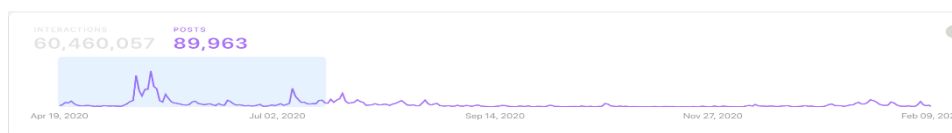
relação ao uso da cloroquina; já a segunda, tratado dia seguinte à *live* em que o presidente repercutiu a ironia da cloroquina *versus* Tubaína.

Não por acaso, no dia 15 de maio, a quinta postagem mais relevante sobre o tema foi realizada pelo G1 (ver Tabela 1), portal de notícias da Globo. Ali, o portal informava a saída de Teich do governo, destacando a discordância do ministro em relação ao uso da cloroquina⁶. As discordâncias entre os dois, Bolsonaro e Teich, sobre os grupos que deveriam aderir ao isolamento social e a pressão para tornar a Hidroxicloroquina amplamente prescrita foram citadas como as principais causas da demissão do médico: "não vou manchar a minha história por causa da cloroquina", teria dito Teich⁷.

Algo interessante a ser observado é a rápida escalada na taxa de interações, que vai se sucedendo até o dia 15, indicando a replicação e apropriação que fizeram do enunciado. Em dez dias, o termo cloroquina tem uma escalada de 21 mil para 2.62 milhões de interações no *Facebook*, o que revela uma escalada significativa, impulsionada por *posts* ligados à base aliada do governo e ao próprio presidente.

Entre os principais atores responsáveis por esse movimento, identificam-se: a página oficial do próprio Jair Bolsonaro, a página oficial da deputada Carla Zambelli (PSL/SP) e do deputado Eduardo Bolsonaro (PSL/SP). Uma possibilidade de interpretação para essa questão é: há uma ofensiva por parte da base aliada do governo, e grupos digitais ligados à família Bolsonaro, com objetivo de legitimar a cloroquina como alternativa de tratamento ao coronavírus— mesmo indo contra a “verdade” legitimada por órgãos de saúde internacionais, como a Organização Mundial de Saúde (OMS), e que estava sendo intensamente consumida, desde os aparelhos de educação até os de informação, que preconizava a falta de eficácia do medicamento.

Gráfico 1 - Postagens totais citando “cloroquina” em páginas do Facebook



Fonte: *CrowdTangle* - Facebook

⁶ Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/15/teich-deixa-o-ministerio-da-saude-antes-de-completar-um-mes-no-cargo.ghtml>>. Acesso em: 8 fev. 2021.

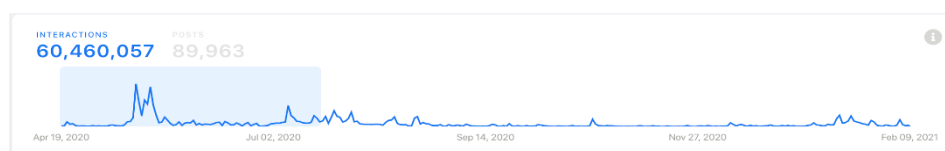
⁷ Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/05/15/nelson-teich-pede-demissao-do-ministerio-da-saude>>. Acesso em: 8 fev. 2021.

Também chama atenção o fato de o debate em torno do termo cloroquina jamais ter alcançado a mesma proporção que obteve durante o período entre maio e julho, e especialmente entre as datas de 11 a 24 de maio (ver Gráfico 1). Após esse intervalo de onze dias, o dia com maior número de postagens usando o termo foi 7 de julho, com 2.1 mil ocorrências. Entre os dias 10 e 21 de maio, páginas ligadas ao presidente Jair Bolsonaro, Carla Zambelli e Carlos Bolsonaro (Republicanos/RJ), parte do núcleo duro do governo, realizaram postagens em defesa da cloroquina.

Como sugere o intervalo de tempo entre as postagens (ver Tabela 2), o esforço parece compor uma estratégia articulada. A primeira postagem de grande expressão, nesse período, é da conta da deputada Carla Zambelli, no dia 10 de maio. Embora apenas as postagens de maior visibilidade apareçam na tabela 2, é interessante notar que a página de Zambelli, realizou posts quase diariamente a respeito da cloroquina durante o período compreendido entre 12 e 20 de maio. Apenas no dia 14 de maio não houve postagem sobre esse tema. Além disso, as postagens se intensificaram entre os dias 19 e 20, quando a página realizou três postagens citando a cloroquina. Já a página de Eduardo Bolsonaro realizou postagens nos dias 14, 15, 18 e 20 de maio. E, finalmente, a página de Jair Bolsonaro dá atenção ao tema entre os dias 20 e 21 de maio.

Embora pareça uma questão menor, essas figuras representam as páginas de maior visibilidade no debate sobre cloroquina no *Facebook*. Para além disso, esse esforço coincide com o pico de menções ao termo na plataforma, como é possível verificar no gráfico abaixo (ver Gráfico 2). O gráfico mostra uma escalada nas interações em *posts* contendo o termo “cloroquina” entre os dias 11 e 23 de maio, período que coincide com os esforços da família Bolsonaro em divulgar o tema em suas redes. Durante esse período, destaca-se o recorte entre o dia 11 e o 17 de maio, quando se forma a primeira curva ascendente mais expressiva do gráfico, que tem como pico o dia 15 de maio. No dia 17 de maio se verifica uma expressiva queda no número de interações, aparentemente entre os dias 17 e 23, período da segunda curva.

Gráfico 2 - Interações sobre o termo “cloroquina” em páginas do Facebook



Fonte: *CrowdTangle* - Facebook

Em números absolutos, foram mais de 60 milhões de interações em quase 90 mil (89.963) postagens durante o período de quatro meses (19 de abril a 19 de julho). É também relevante notar que o esforço para a divulgação do debate em torno do tema foi pautado não apenas por páginas públicas, em geral verificadas, mas também por grupos na mesma rede. No gráfico abaixo é possível verificar a curva de interações relativa ao termo cloroquina em grupos de Facebook. Embora similar àquela que ilustra as postagens, no caso dos grupos, há uma maior estabilidade, em termos de volume de interações e postagens, no período entre 15 e 21 de maio.

Um olhar sobre esses números, portanto, revela um esforço concentrado e articulado para a divulgação do tema nas redes. Outra questão diz respeito às mensagens propagadas pelos principais personagens desse debate no Facebook. Com isto em mente, listamos os dez principais posts a respeito do tema no período em questão.

Compondo a tabela, estão as postagens mais relevantes em termos de visibilidade, levando em consideração o critério “interações totais”. Ou seja, são considerados os números relativos ao número de reações, comentários e compartilhamentos, calculados a partir do algoritmo do *CrowdTangle*. Com esses dados em mãos, temos uma lista preliminar de páginas públicas responsáveis por postagens de grande alcance e elevados níveis de engajamento na plataforma, conforme apresentamos na Tabela 2.

Tabela 2 - Páginas públicas responsáveis por postagens de grande alcance

Posição	Página	Data	Conteúdo	Reações	Comentários	Compartilhamentos
1	Carla Zambelli	10/05/2020	Vídeo	201.8k	22.4k	364.0k
2	Jair Messias Bolsonaro	21/05/2020	Texto	168.2	43.9	28.0k
3	Carla Zambelli	18/05/2020	Vídeo	105.0k	10.6k	94.3k
4	Jair Messias Bolsonaro	20/05/2020	Link	145.2k	15.4k	14.3k
5	G1 - O Portal de Notícias da Globo	15 /05/2020	Link	50.0k	13.1k	100.2k
6	Eduardo Bolsonaro	14/05/2020	Vídeo	68.7k	13.8k	79.2k
7	André Janones	20/05/2020	Texto +Foto	134.9k	16.2k	5.0k
8	Eduardo Bolsonaro	18/05/2020	Texto +Foto	65.4k	44.7k	44.2k
9	Delegado Cavalcante	16/05/2020	Texto + Vídeo	59.6k	5.3k	88.0k
10	Movimento Avança Brasil	19/05/2020	Texto +Vídeo	76.5k	10.0k	64.5k

Fonte: Elaborado pelos autores

Um olhar sobre a lista indica três personagens-chave: a deputada Carla Zambelli (nº 1 e nº 3), o presidente Jair Bolsonaro (nº 2 e nº 4), e o deputado Eduardo Bolsonaro (nº 6 e nº 8). Cada um desses três políticos (sendo um, o presidente, e, os outros dois,

parte de sua base) foi responsável por 20% dos 10 principais *posts* a respeito da cloroquina no período analisado. Juntos, eles respondem por 60% do top 10 de postagens mais “relevantes” sobre o tema. Aqui, naturalmente, a noção de relevância é deturpada pela projeção na plataforma. Mais do que uma proximidade de ordem política, contudo, a proximidade entre os personagens revela a força do indivíduo Bolsonaro. Afinal, ele e seu filho figuram entre os principais influenciadores sobre o tema, juntamente com a deputada Carla Zambelli, uma das mais ferrenhas defensoras do presidente.

Em um segundo plano, e ainda relevante, é o fato de 9 entre 10 páginas da lista estarem ligadas a políticos de direita. Entre elas, apenas a página do “Movimento Avança Brasil” não representa um político da base bolsonarista. Ou seja, excluído o *post* do G1, todos os 10 *posts* com maior impacto sobre o termo “cloroquina” durante o período foram produzidos por figuras de direita e da base do governo, sendo a maior parte deles do círculo de apoio do presidente. Revela-se, assim, que não houve equilíbrio entre as forças que disputaram os discursos em torno desse episódio. Revela-se, ainda, nuances do que Foucault (1979) preconizou ao afirmar que a “verdade” é objeto de debate político e de lutas ideológicas.

Por outro lado, ainda resta a questão sobre o *como*. Ou seja, qual o conteúdo das postagens e o que torna essas postagens relevantes? Inicialmente, atentemos para o tipo de mídia que aparece como recorrente. Ainda observando a lista dos dez *posts* com maior engajamento, notamos que metade deles são vídeos. O primeiro deles, compartilhado por Carla Zambelli (15 de maio), é acompanhado pelo seguinte título: “Médico manda a REAL sobre a Cloroquina!”. Já o segundo vídeo da deputada, traz um especialista do Ministério da Saúde relatando repasses financeiros aos estados e municípios. No *post*, Zambelli provoca o governador de São Paulo, João Dória (PSDB/SP), com um texto que faz apologia ao “tratamento precoce com a cloroquina” (ver Figura 3).

Figura 3 - Post de Carla Zambelli promovendo o tratamento precoce (18/05)



Fonte: *CrowdTangle* - Facebook

Esse padrão de postagens – com ataques a adversários – se repete em *posts* de Eduardo Bolsonaro que, na postagem do dia 14 de maio, atacou a Rede Globo citando um secretário de Saúde do Piauí, compartilhando um vídeo (atualmente indisponível) e, em 18 de maio, atacou também o Governador de São Paulo. Em ambos os casos, a defesa da cloroquina foi o mote para realizar os ataques.

No caso do deputado delegado Cavalcanti (PSL/CE) e do Movimento Avança Brasil, nota-se a mesma estratégia usada por Zambelli no primeiro vídeo citado. Tanto a página do deputado quanto a do movimento Avança Brasil usam vídeos com depoimentos da médica Nise Yamaguchi, que se notabilizou pela defesa da cloroquina. No caso da página do delegado Cavalcanti, chama atenção ainda o fato de o vídeo compartilhado ser uma matéria da rede CNN Brasil, que recomenda o uso da Hidroxicloroquina juntamente com a Azitromicina. Na explanação, a médica expõe razões técnicas para sua defesa do medicamento.

A análise dessas postagens sugere não apenas um uso político da cloroquina, mas também evidencia a apropriação realizada por expoentes das redes Bolsonaroistas em relação à autoridade de médicos e especialistas (técnico do Ministério da Saúde e secretário). A visibilidade e engajamento nos vídeos com depoimentos de autoridades, como médicos e autoridades da área da saúde (secretário ministerial e estadual), é reveladora de uma estratégia que maneja a credibilidade de instituições respeitadas pelo público para fins políticos. Neste caso em particular, também é relevante notar que o Bolsonaroismo, ao oferecer a alternativa do “tratamento precoce”, atende a um anseio público: o controle sobre uma situação que parece não ter solução em curto prazo.

Ao manifestar suas próprias posições pelo compartilhamento de vídeos e *links* que apresentam testemunhos médicos, grupos políticos ligados a Bolsonaro se aproveitam da estrutura do *Facebook* como *gatekeeper* (DEVITO, 2016), para alimentar a dieta informacional de seus seguidores com supostas informações. Neste caso, é notável que as informações enganosas propagadas acerca da Hidroxicloroquina não sejam propriamente falsas. São informações sem credibilidade científica, mas que encontram na autoridade do médico (indivíduo), e de figuras de autoridade, uma pretensa legitimidade. Lembrando das características da “economia política da verdade”, proposta por Foucault (1979), pode-se pensar que há um aproveitamento da noção de “verdade”, tanto na forma do discurso científico quanto nas instituições que o produzem. A apropriação desses enunciados, tornados legítimos principalmente pelas instituições (médicas, especialmente) que esses indivíduos incorporam, é um passo fundamental nesse sentido.

Além das páginas de grande visibilidade na rede, como as expostas anteriormente, que aproveitaram quase totalmente a visibilidade dada à repercussão do meme “Cloroquina *versus* Tubaína”, a articulação do bolsonarismo no *Facebook* conta com o auxílio fundamental de grupos de direita e extrema-direita na difusão de *fake news* e desinformação. Se as páginas públicas de políticos e influenciadores lançam luz sobre como o Bolsonarismo deseja se posicionar, o movimento nos grupos de *Facebook* é revelador das dinâmicas horizontais do ecossistema comunicacional responsável pela propagação de discursos de direita e extrema-direita. São também espaços reveladores de como pensam outros grupos de afinidade nas plataformas sociais digitais. Afinal, os grupos são fóruns de discussão baseados em afinidades eletivas.

Esses fatos são mais reveladores das dinâmicas que ocorrem em ambientes específicos de uma plataforma digital, como os grupos de *Facebook*. Ainda assim, o dado é ilustrativo de um debate que se origina no plano do discurso médico/científico e foi apropriado não por um grupo político ou instituição, mas, por um indivíduo que ocupa a posição de presidente da República. E, para tanto, as plataformas sociais digitais desempenharam um papel relevante, sobretudo no período investigado, entre abril e julho. E, nessas repercussões, como vimos, estão entrepostos jogos de poder – que pressupõe também jogos de sombras e de luz, de verdade e de erro (FOUCAULT, 2009). Exatamente como buscamos ilustrar com o meme “Cloroquina *versus* Tubaína” – e seus elementos –, que nos serviu de propulsão reflexiva.

Considerações finais

“Pode haver poder sem adorno?”, pergunta Foucault (2009, p. 29). Na teoria, o exercício do poder sem adornos apontaria para o jogo nu da vida e da morte. A Pandemia de Covid-19, que tem deixado o mundo sem respostas, poderia ser uma possibilidade de ver esse exercício de poder desnudado. Mas, entre a Pandemia e o Pandemônio, há um clarão de verdade.

Apesar de os dados apresentados não serem suficientes para contemplar a complexidade do debate, eles são suficientes para confirmar que grupos de apoio ao presidente Jair Bolsonaro atuaram de forma coordenada durante um período de tempo específico no *Facebook*, insuflando e desinformando seus seguidores que, por sua vez, atuaram de forma paralela compartilhando conteúdos que podem ser considerados anti-ciência em grupos da mesma rede.

Esse esforço, comentamos, faz parte de um ecossistema complexo, que passa pelo uso das *lives* presidenciais, pelas mídias de massa, através de uma relação com a imprensa recheada de controvérsias provocações e geração de conteúdo, e se espalha por diversas plataformas sociais digitais, sendo apropriados de maneiras diferentes – resultando até em um meme. E é assim, através de uma manifestação cultural aparentemente tão pequena, como um enunciado memético, que intencionamos abrir caminhos múltiplos na compreensão dessa complexidade.

No que diz respeito aos ambientes digitais, o *Facebook* funciona como um elo para a difusão e circulação do posicionamento do presidente da República de forma especialmente personalista. Como se nota na análise, não é possível dissociar a figura de Jair Bolsonaro da cloroquina. E o que poderia ser apenas a base de um meme, torna-se, também, a base dos jogos de (in)verdade que acompanham o exercício do poder.

Referências

BENKLER, Y.; FARIS, R.; ROBERTS, H. 2018. **Network propaganda: Manipulation, disinformation, and radicalization in American politics.** Oxford University Press.

BOURDIEU, P. 2012. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

CHAGAS, V. 2018. A febre dos memes de política. **Revista Famecos**, v. 25 p.1.

- DAWKINS, R. 1976. **The selfish gene**. Oxford: Oxford University Press.
- DEVITO, M. A. 2016. From editors to algorithms: A values-based approach to understanding story selection in the Facebook news feed. **Digital Journalism**, v. 5, n. 6, p. 753-773.
- FOUCAULT, M. 1979. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- FOUCAULT, M. **Do governo dos vivos: Curso no Collège de France, 1979-1980: aulas de 09 e 30 de janeiro de 1980**. São Paulo: Centro de Cultura Social, 2009.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- ROCHA, J.C. **Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político**. Goiânia: Caminhos Editora Estúdio, 2021.
- RUSHKOFF, D. 2010. **Program or be Programmed**. Ten commands for a digital age. New York: OR Books.
- SHIFMAN, L. 2013. Memes in a digital world: Reconciling with a conceptual troublemaker. **Journal of computer-mediated communication**, v. 18, n. 3, p. 362-377.
- VÉLEZ, J. I. 2012. Las memes de Internet y su papel en los medios de comunicación mexicanos. **Nuevas Tecnologías, Internet y Sociedad de la Información** 3. Disponível em:
<https://www.researchgate.net/profile/Inigo_Fernandez_Fernandez/publication/255907069_Historias_del_periodismo_en_Mexico_entre_la_reflexion_y_la_revision/links/00b7d520cfc8a578bf000000/Historias-del-periodismo-en-Mexico-entre-la-reflexion-y-la-revision.pdf#page=125>. Acesso em: 20 jan. 2021.